



Revista Educação e (Trans)formação Journal Education and (Trans)formation

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

A CONTRIBUIÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO PARA A FORMAÇÃO LEITORA NA BUSCA PELA AMPLIAÇÃO DO LETRAMENTO

Igor Bonifacio da Silva

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

igor.bonifacio28@gmail.com

Maria Hoísla da Silva Almeida

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

hoislamaria@gmail.com

Paloma Filipe Severo

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

paloma.94@outlook.com

Leila Nascimento da Silva

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

leilansufrpe@gmail.com

Resumo: Este estudo teve como objetivo identificar as concepções de docentes acerca da contribuição do livro didático durante a formação leitora de seus alunos. Levando em consideração que este material é muito utilizado em sala de aula e que a nossa sociedade atual exige cada vez mais um perfil letrado em seus sujeitos, é importante que essa habilidade seja apropriada e exercitada no âmbito escolar. Para tanto, utilizando-se de uma abordagem qualitativa, entrevistamos cinco professoras de uma escola pública localizada em Garanhuns – PE. As docentes entrevistadas apontaram algumas dificuldades no trabalho com o livro didático como, por exemplo, não corresponder ao nível cognitivo das crianças. Contudo, destacaram que, quando adequado à realidade enfrentada na turma, torna-se um material importante. Concluímos que o livro didático é um recurso didático que auxilia de forma significativa o ensino da leitura, principalmente quando utilizado junto a outros materiais. Inserir diversos gêneros textuais e considerar as estratégias de leitura na prática docente, aumentarão as chances dos discentes utilizarem essa habilidade em situações de convívio social, ou seja, praticarem o letramento.

Palavras-chave: Livro didático. Formação leitora. Letramento

THE CONTRIBUTION OF THE TEXTBOOK TO THE READING FORMATION IN THE SEARCH FOR THE EXPANSION OF LITERACY

Abstract: This study aimed to identify the conceptions of teachers about the contribution of the textbook during the reading formation of their students. Taking into account that this material is widely used in the classroom and that our current society increasingly requires a

Revista Educação e (Trans)formação, Garanhuns, v. 05, n. 01, jan. 2020 / jun. 2020

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco - UFAPE

<http://www.journals.ufrpe.br/index.php/educacaoetransformacao/index>

literate profile in its individuals, it is important that this ability be acquired and exercised in the school setting. Therefore, using a qualitative approach, we interviewed five teachers from a public school located in Garanhuns – PE. The interviewed teachers pointed out some difficulties in working with the textbook, for example, it does not correspond to the cognitive level of the children. We conclude that the textbook is a didactic resource that significantly assists the teaching of reading, especially when used with other materials. Inserting several textual genres and considering reading strategies in teaching practice will increase the chances of students using this ability in situations of social interaction, in other words, practicing literacy.

Keywords: Textbook. Reading formation. Literacy.

1 Introdução

De acordo com Soares (2004), o surgimento do termo Letramento se deu em virtude da necessidade de compreendermos e nomearmos práticas sociais que envolvem o ato de ler e escrever em nossa sociedade e que ultrapassassem a apropriação do sistema de escrita, em seu sentido mais restrito. Essas práticas refletem as mudanças sociais vivenciadas pelos sujeitos no mundo contemporâneo, no qual cada vez mais são exigidas novas habilidades de leitura e escrita.

Desta forma, em meados dos anos 80, surgiu o termo letramento, advindo de uma tradução da palavra inglesa literacy, onde littera (letra) vem do latim e o sufixo -cy (mento), que significa o resultado obtido através de uma ação.

Com o surgimento desse conceito, pesquisadores da área sentiram cada vez mais a necessidade de esclarecer e diferenciar este do conceito de Alfabetização, pois envolvem facetas diferentes desse processo de aprendizagem da língua escrita. Porém, precisam ser abordadas de forma articulada. É o que salienta Soares (2004, p. 97):

[...] é necessário reconhecer que alfabetização – entendida como a aquisição do sistema convencional da escrita – distingue-se de letramento – entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente de leitura e da escrita em práticas sociais. (...) Por outro lado, também é necessário reconhecer que, embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis...

Sendo assim, considerando que a sociedade na qual estamos inseridos é grafocêntrica, ou seja, a mesma está centrada no sistema de escrita, é importante que o (a) professor (a) alfabetize seus alunos, ao mesmo tempo que desenvolva neles as habilidades para que os tornem capazes de utilizar a escrita e a leitura, não apenas no âmbito educacional, mas especialmente fora dele. No caso do ato de ler, – foco da nossa pesquisa –, Martins (2007) afirma que a este vai além do texto e inicia-se antes do indivíduo ter contato com o mesmo,

Revista Educação e (Trans)formação, Garanhuns, v. 05, n. 01, jan. 2020 / jun. 2020

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco - UFAPE

<http://www.journals.ufrpe.br/index.php/educacaoetransformacao/index>

por isso é necessário que o leitor se aproprie de uma postura atuante e aplique seus próprios sentidos ao que está sendo lido, assim o compreendendo. Dessa forma, apresentar a leitura simplesmente como decodificação de códigos não é suficiente, o educador precisa tornar claro que a leitura é, de certa forma, um diálogo entre quem está lendo e o objeto lido e para ser interpretada de forma mais significativa, é preciso que seus sentidos sejam impostos a ela.

Para atingir o objetivo de desenvolver plenamente as habilidades de leitura dos seus alunos, o professor pode lançar mão de diversos recursos. Um desses e provavelmente o mais utilizado na rede pública de ensino seja o Livro Didático de Língua Portuguesa, pois é considerável a frequência com que este é utilizado pelos (as) professores (as) em sala de aula. Sendo assim, a partir de uma reflexão a respeito da contribuição desse material para o processo de aprendizagem da leitura, temos como objetivo identificar quais as concepções dos (as) professores (as) acerca do livro didático como subsídio para a formação leitora.

2 Letramento e as práticas de leitura em sala de aula

Letramento é o uso das habilidades de leitura e escrita pelo indivíduo em suas práticas sociais. Isso não implica, necessariamente, que uma criança precisa ser alfabetizada para ser considerada letrada. As práticas de letramento iniciam-se antes da escolarização, por exemplo, quando uma criança ouve sua mãe contar uma história antes de dormir, porém são reforçadas à medida que as crianças vão adquirindo conhecimentos durante a alfabetização.

É interessante salientar que a alfabetização, segundo Soares (2017), pode ser dividida em três facetas: a linguística, na qual a língua escrita é a representação visual da fala; a interativa, em que a mesma é um veículo de interação entre indivíduos; e por fim, a sociocultural, que abrange seus usos, funções e valores atribuídos a escrita em contextos socioculturais. A autora também afirma que as duas últimas estão relacionadas ao letramento, já que

Na faceta *interativa*, o objeto são as habilidades de compressão e produção de textos, objeto que requer outros e diferentes processos cognitivos e linguísticos (...) Na faceta *sociocultural*, o objeto são os eventos sociais e culturais que envolvem a escrita, objeto que implica conhecimentos, habilidades e atitudes específicos que promovam a inserção adequada nesses eventos, isto é, diferentes situações e contexto de uso de escrita. (SOARES, 2017, p. 29).

Ainda conforme Soares (2003), o letramento pode ser dividido em dois aspectos, o individual e o social. No primeiro, ele é visto no campo pessoal e implica nas capacidades

cognitivas e metacognitivas do indivíduo durante a captação e realização de inferências durante a leitura, além de antecipar sentidos de ideias ou eventos. Já na dimensão social, é um conjunto de habilidades necessárias para que o indivíduo adeque suas práticas de leitura e escrita e consiga participar ativamente do contexto social em que vive.

Em se tratando da leitura, sabemos o quanto é importante em nosso mundo atual saber ler para além da decodificação. Adotamos nesse trabalho o conceito de leitura como um processo cognitivo na qual as construções de sentidos são efetivadas a partir da relação entre as informações presentes no texto com o conhecimento prévio do leitor, trazendo como fruto sua compreensão. Sendo assim, haverá uma reflexão do mesmo, onde quem o leu poderá analisá-lo criticamente. Conhecimentos como as variações linguísticas, gêneros textuais, por quem foi escrito e para quem foi direcionado contribuirá para o entendimento do objetivo comunicacional do texto.

Da mesma forma que, ao escrever um texto, há uma finalidade já estabelecida para ele, antes de ter contato com algo escrito, o leitor deverá ter algum objetivo. Ninguém ler apenas por ler. Mesmo quando, por exemplo, alguém está à espera de ser atendido por um médico e apanha uma revista que foi lançada meses atrás, tem um objetivo: passar o tempo. Inicialmente, ele pode apenas folhear as páginas, mas se encontrar uma matéria interessante, irá parar para lê-la com mais atenção. Mesmo que seja definido antes da leitura, o objetivo pode ser alterado à medida que o leitor se apropria das informações fornecidas pelo texto.

É, portanto, quando o leitor foge da literalidade do que foi escrito e a partir das inferências e aplicações de sentidos passa a compreendê-lo e, conseqüentemente, a ter capacidade de adequá-lo ao contexto social que está inserido, que as facetas mencionadas mais acima (a linguística, a interativa e a sociocultural) estabelecem um vínculo. Na busca de contribuir para uma boa formação leitora, é imprescindível que a escola oportunize aos seus estudantes o acesso aos diversos textos que circulam socialmente. Somente, assim, eles poderão desenvolver a capacidade de lidar com diferentes situações de leitura (finalidades, destinatários, estruturas textuais, enfim). Cafiero (2010, p. 88) ratifica esse compromisso:

Um compromisso a ser assumido pela escola é o de possibilitar ao aluno a aprendizagem da leitura dos diferentes textos que circulam socialmente. A leitura de jornais, revistas, livros... (...) Assim fazendo, a escola estará contribuindo para ampliar o grau de letramento de seu aluno, contribuindo também para que ele possa atuar efetivamente como cidadão.

Ou seja, além de facilitar a formação de um estudante letrado, o trabalho com diversos textos mais comuns na sociedade contribui na construção de um indivíduo reflexivo, crítico e capaz de argumentar de forma concisa. Entretanto, sem desconsiderar a importância dessa prática, é mais comum vermos uma fábula ser trabalhada em sala de aula, do que uma carta de reclamação, que tem mais chances de ser utilizada pelos estudantes futuramente.

Outro aspecto que reforça a importância dessa prática, é que cada um deles exige uma leitura diferente. Por exemplo, não lemos uma receita da mesma forma que leríamos um poema. Além de tornarem-se familiarizados com a vasta variedade de textos que existe, os alunos ainda terão consciência de suas finalidades, características e como são estruturados, facilitando o reconhecimento e a construção dos mesmos enquanto estiverem em sociedade.

A escola é, muitas vezes, o primeiro e o único local onde a criança tem contato com livros. Então, se o docente tem como objetivo criar um hábito de leitura em seus discentes é uma boa estratégia começar pela infância, inserindo essa prática na formação pessoal do indivíduo. Além de ser uma ótima ferramenta de estímulo à imaginação, descobertas e enriquecimento do vocabulário da criança.

Diante disso, é interessante que antes de planejar uma aula voltada para a leitura, o professor considere o contexto que está inserido, questionando-se quais textos seriam relevantes para seus estudantes e priorizando aqueles que os mesmos têm contato fora da instituição escolar. Dessa forma, a aprendizagem tornar-se-á mais dinâmica e significativa.

3 O uso do Livro Didático nas práticas de leitura

O livro didático (doravante LD) pode ser considerado um dos aparelhos centrais na construção do conhecimento, já que “organiza os objetos de ensino considerados necessários para satisfazer as necessidades de ensino-aprendizagem” (TAGLIANI, 2011, p. 137). Isso significa dizer que o LD comporta grande quantidade de informações e que os conteúdos presentes nele estão ou deveriam estar de acordo com o período que a criança se encontra. Ademais, através de uma boa mediação advinda do (a) professor (a), tem a capacidade de transmitir tais conhecimentos de uma forma sistemática e efetiva.

Este material didático é, muitas vezes, o único subsídio que os (as) professores (as) têm acesso na instituição, tornando sua prática limitada. Como também, por ser uma escolha feita em conjunto para todas as escolas municipais, há grandes possibilidades de o livro não estar relacionado com o nível e a realidade das crianças, além de o (a) professor (a) ter

dificuldades em saber o que realmente deve ensinar, seja por falta de uma formação continuada ou pela instituição possuir um Projeto Pedagógico no qual o docente é

[...] pressionado a lidar com conceitos tradicionais, normativos, em detrimento de um ensino/aprendizagem que contemple o uso. O que acaba acontecendo é que o planejamento contempla uma lista extensa de conteúdos gramaticais. Assim, a leitura (...) acaba ficando de fora do planejamento e das aulas. (CAFIERO, 2010, p. 89)

É comum nos depararmos com professores (as) que trabalham a alfabetização desvinculada do letramento quando enxergam a leitura apenas como um treinamento de fluência ou localização de informações explícitas no texto, com o objetivo de responder as questões que o próprio LD dispõe. Este comportamento pode prejudicar a formação de leitores proficientes que, conseqüentemente, enfrentarão dificuldades ao utilizar essas habilidades socialmente.

Esses fatores são alguns exemplos das dificuldades que os docentes podem enfrentar enquanto atuam em sala de aula, por isso é necessário, antes do trabalho com o LD, “que sejam feitas adaptações a partir dos textos (...) sempre fazendo intervenções necessárias para que esses consigam alcançar êxito...”, como destacam Sá e Ferreira (2015, p. 146).

Também é interessante que “o aluno faça perguntas, levante hipóteses, confronte interpretações, conte sobre o que leu e não apenas faça questionários de perguntas e respostas de localização de informação.” (CAFIERO, 2010, p. 86). Este comportamento, que também é defendido por Brandão, poderá garantir “a formação de um leitor ativo, crítico, inteligente e questionador...” (2006, p. 60). Ou seja, é preciso diversificar o trabalho com textos em sala de aula, a fim de contemplar habilidades de compreensão e o livro didático pode contribuir com esta prática.

O livro didático pode ser utilizado na perspectiva do letramento a partir dos gêneros textuais que circulam na nossa sociedade, como cartazes, bilhetes, resumos, notícias, etc., a começar pelas leituras dos mesmos, partindo de uma construção de conhecimento onde as crianças são direcionadas a produzirem sentidos e se apropriarem de tais textos a ponto de saberem suas principais características, como e quando utilizá-los nas suas práticas sociais.

É interessante, ao utilizar esse recurso didático, que os docentes tentem levar suportes que facilitem e acrescentem no processo de formação de um estudante letrado, como defende Cafiero (2010, p. 97) “[...] aproveite o momento inicial para familiarizar o aluno com a obra completa. Se o texto apresentado pelo livro didático for de um livro, leve o livro; se for de

jornal ou de revista leve esses suportes para sala.”. Isto é, se o texto trabalhado for uma notícia, seria pertinente apresentar onde esse gênero textual pode ser encontrado, nesse caso, em um jornal. Dessa forma, o (a) professor (a) também evitaria apenas basear-se em um instrumento didático.

Além dessas duas propostas, Coutinho através de um relato obtido após observações da prática de algumas professoras traz uma informação relevante: “[...] as professoras, nas atividades de leitura dos textos presentes no livro, não se limitaram a ler apenas o texto, mas propuseram questões de exploração de estratégias de leitura.” (2005, p. 12).

Segundo Brandão (2006), são estratégias de leitura: localizar informações no texto, ativar os conhecimentos prévios dos alunos, reconstruir sentidos, etc. Sua utilização além de contribuir para o processo tanto de alfabetização quanto de letramento, pode tornar as aulas mais dinâmicas a partir da interação entre os sujeitos, como também gerar um estímulo para os discentes se envolverem ainda mais na aula.

Inferimos que uma prática frequente de leitura na rotina da turma, juntamente com a utilização adequada do livro didático, como reiteram Sá e Ferreira (2015), a fim de aproximar-se da realidade o qual os discentes estão inseridos, haverá grandes chances de obter sucesso ao formar leitores ávidos, críticos e que estejam preparados para utilizarem esta habilidade quando necessário.

4 Metodologia

Em função do objetivo proposto, optou-se por uma abordagem qualitativa para a realização deste trabalho, que conforme Minayo (2009, p.22) “[...] se aprofunda no mundo dos significados. Esse nível de realidade não é visível, precisa ser exposta e interpretada, em primeira instância, pelos próprios pesquisadores.” Ou seja, precisaremos interpretar esses dados para construir uma análise coerente, como também definir quais irão contribuir para a nossa pesquisa.

Como o processo de formação leitora e o desenvolvimento do letramento não estão limitados à fase de alfabetização, era preciso fazer um recorte. Optamos, então, em realizar a pesquisa com professoras que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Segue, abaixo, um quadro contendo as informações mais pertinentes acerca das professoras colaboradoras da nossa pesquisa:

Quadro 1 – Sujeitos da Pesquisa

Identificação¹	Série atuante	Formação	Pós-graduação	Tempo de atuação
Professora 1	1º ano	Pedagogia	Educação Infantil	7 anos
Professora 2	2º ano	Letras e Pedagogia	-	12 anos
Professora 3	2º ano	Pedagogia	-	10 anos
Professora 4	3º ano	Pedagogia	Psicopedagogia	10 anos
Professora 5	4º ano	Pedagogia	-	20 anos

Fonte: dados da pesquisa (2019).

Entrevistas são ótimas fontes de informações já que funcionam a partir de um diálogo entre o entrevistador e o entrevistado, onde o segundo compartilha seus significados relacionados à realidade que está inserido. Por isso, utilizamos como instrumento para coleta de dados a entrevista semiestruturada. Segundo Minayo (2009, p. 64), esta “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada.”. Enquanto realizávamos a entrevista demos total liberdade para as professoras desenvolverem sua fala acerca do que foi perguntado, claro, sempre guiando as mesmas de volta quando fugiam do foco.

As entrevistas foram realizadas individualmente e em dias diferentes. Foram áudio-gravados e transcritas literalmente, mantendo o respeito às falas dos sujeitos. Elaboramos quatro perguntas relacionadas com o uso do livro didático em geral. Foram elas: a) Você utiliza o livro didático para o trabalho com a leitura? Com que frequência?; b) Como se dá a prática de leitura a partir do livro didático nas suas aulas?; c) Qual o grau de contribuição dos livros didáticos na formação leitora dos seus alunos?; d) Qual a maior dificuldade no processo do uso do livro didático?

5 O que pensam as professoras

Objetivando identificar as concepções das docentes quanto à contribuição do LD para a formação leitora dos seus alunos, inicialmente questionamos qual a frequência de uso desse recurso didático em sua prática. Três das cinco docentes afirmaram que usam esse material todos os dias, entretanto suas respostas foram bem objetivas e vagas, sem oferecer algum tipo

¹ Para preservarmos a identidade das professoras entrevistadas, optamos por identifica-las por sua profissão seguindo uma ordem numérica.

de complemento importante que contribuisse com a nossa análise. As duas últimas, todavia, responderam o seguinte:

“[...] O livro didático não é utilizado todos os dias, mas pelo menos 3 vezes na semana ele é utilizado para o treino de fluência... e nos outros dias a gente utiliza ele de forma convencional... nas atividades, na leitura dos textos...” (Professora 1)

“[...] Eu sempre estou utilizando para ler com eles. Os que já estão lendo fluentes, vão lendo silenciosamente... os outros eu faço a leitura modelo para eles (...) pedindo para eles colocarem o dedo em cada linha do texto para irem acompanhando a leitura que faço...” (Professora 4)

Podemos observar nas falas das professoras que este recurso didático está presente em suas práticas com frequência, tanto para trabalhar a leitura quanto para responder atividades que o mesmo dispõe, juntamente com seus alunos. É relevante destacar que em ambos os depoimentos as professoras citam utilizar o livro para realizar treinos de fluência leitora, aspecto presente no processo de alfabetização. Como vemos o livro torna-se, para essas docentes, um bom suporte textual, uma vez que por meio dele podem selecionar os textos para leitura. Mesmo que não tenham mencionado explicitamente o trabalho de compreensão leitora, acreditamos que ao afirmarem “...nos outros dias a gente utiliza ele, de forma convencional... nas atividades falarem em leitura de textos”, no caso a Professora 1, estejam se referindo a atividades de compreensão textual. Assim, é necessário que o LD contenha uma boa seleção textual, com textos originais, com finalidades diferentes e de gêneros diferentes para que esse possa subsidiar bem o trabalho de leitura na escola, como afirma Cafeiro (2010).

Em seguida, perguntamos como eram realizadas as práticas de leitura com o livro didático, na qual assim como Professora 4 na questão anterior, a maior parte das professoras citou a utilização de modalidades de leitura durante esse processo, como podemos observar a seguir:

“Faço leitura modelo, leitura individual, leitura coletiva, que é onde eles participam... Na roda de leitura.” (Professora 5)

“A prática de leitura é uma constante, né!? (...) então mesmo que a criança não tenha ainda a formação leitora, ela se apropria desse sistema de letramento através do livro didático.” (Professora 2)

Damos ênfase à dinamicidade causada pelo uso variado das modalidades da leitura a partir do depoimento de Professora 5, quando a mesma afirma que os alunos participam do que ela chama de roda de leitura, ou seja, quando a prática é realizada coletivamente. A Professora 2 chega a explicar a relevância do LD para subsidiar esse trabalho de formação leitora.

A seguir trazemos mais uma fala da Professora 4, pois a mesma nos chamou atenção ao considerar tanto o trabalho com as características dos gêneros textuais quanto à adequação do LD à realidade enfrentada em sala de aula:

“A princípio os textos do livro didático (...) são bem assim, complexo, em relação aos níveis da turma (...) mas o que eu faço, trabalho o texto primeiramente explanando o gênero e aí eu trabalho o sentido global do texto com eles... mas aí para trabalhar com aquilo que não sabem, nem palavras, nem frases fica difícil, então geralmente (...) ao trabalhar o texto, eu faço um ditado de palavras do próprio texto, incentivando eles a procurarem as palavras naquele texto, e aí depois eu tenho que também trabalhar outros suportes, para que eles possam acompanhar.” (Professora 4)

Apesar de os textos presentes no LD, segundo a professora, não serem adequados para o nível da turma, ela procura adaptá-los em sua prática recorrendo a outros subsídios que facilitem a aprendizagem, como afirmam Sá e Ferreira (2015), mesmo que não tenha citado quais suportes eram esses, exceto o ditado. Dessa forma, a docente além de melhorar o processo de aprendizagem, conseguirá obter bons resultados a partir dele.

Sua explanação antes de trabalhar com determinado gênero textual também é um aspecto interessante, pois além de apresentar suas principais características, tornando-o familiar para as crianças, ainda explora mesmo que indiretamente uma estratégia de leitura “antecipar sentidos”, destacada por Brandão (2006). A docente inclui, também, informações como onde esses textos poderão ser encontrados e quando utilizá-los. Por isso, segundo Cafiero (2010), é relevante levar para a sala de aula suportes, além do LD, no qual esses gêneros textuais estão localizados.

Quando perguntamos qual o grau de contribuição do LD na formação dos leitores nas turmas das referidas professoras, obtivemos respostas distintas, mas referindo-se em geral ao auxílio que esse material possibilita, seja na metodologia da professora, na constituição de um planejamento ou no estímulo aos debates em sala de aula:

“A contribuição é que, assim meus alunos eles leem e faz interpretação com os debates... do que entendeu...” (Professora 5)

“[...] eu acredito que é um grau mais supremo que existe, porque a prática do professor na sua metodologia (...) corresponde ao uso constante de livro didático.” (Professora 2)

Esses dois depoimentos exemplificam muito bem o auxílio trazido pelo LD, ao qual nos referíamos anteriormente. Podemos observar que é através dele que as práticas de interpretação e debates são realizadas nas aulas da Professora 5, que estão de certa forma, relacionadas com uma formação letrada. É também durante esse processo que a criança, a partir do seu repertório, constrói hipóteses e elabora argumentos coerentes para defendê-las, como reiteram Brandão (2006) e Cafiero (2010).

A Professora 2, por sua vez, acredita que a prática do docente está centrada no uso constante do LD, entretanto, é sabido que o mesmo não pode se prender apenas a este material didático. Conforme Sá e Ferreira (2015) salientam, ele precisa ser visto como um instrumento de apoio, onde o mesmo deve procurar outras referências para suprir as necessidades da turma, já que o LD não é completo o suficiente para ser o único instrumento utilizado no processo de ensino. Mais uma vez, enfatizamos a importância de os (as) professores (as) buscarem levar para a sala de aula uma diversificação de materiais didáticos que complementem o conteúdo do livro, possibilitando uma aprendizagem mais significativa.

A Professora 4 nos trouxe uma informação pertinente acerca do livro utilizado por ela, uma sequência didática:

“[...] a gente trabalha com ele em uma espécie de sequência didática, então se trabalho um conto, as atividades seguintes do livro vão explorar a interpretação do conto, mas também explorar pontuação, explorar outros aspectos da língua portuguesa... então assim, quando eu planejo as aulas, já vou planejando aquela sequência didática de acordo com que o livro oferece (...) mas como eu disse, dependendo do nível eu tenho que trazer outras estratégias...” (Professora 4)

A mesma ainda acrescentou que elabora seu planejamento a partir dessa sequência, e que dependendo do nível do texto, busca outras estratégias para contemplar as crianças que ainda não se apropriaram tão bem da leitura. Novamente percebemos, pelo discurso da professora, a sua preocupação em adequar o conteúdo do LD para sua turma, prática defendida por Sá e Ferreira (2015), possibilitando o aprendizado para todas as crianças.

Por fim, questionamos as professoras acerca das dificuldades encontradas durante o trabalho com o LD em sala de aula. Obtivemos, novamente, respostas quase que unânimes, com três das cinco docentes afirmando que o conteúdo muitas vezes não está relacionado com o nível dos alunos.

“[...] muitas vezes o assunto (...) não contribui com a realidade do aluno (...) entretanto a gente tem sempre um apoio muito grande da coordenação, que nos auxilia. E a gente também utiliza de atividades práticas, de atividades impressas, para que a gente possa sanar essa dificuldade que tem o livro...” (Professora 1)

“A maior dificuldade é a adaptação do livro a realidade do aluno (...) muitas vezes o livro não vem de acordo com a realidade do município, do lugar onde ele vive, essa é a maior dificuldade...” (Professora 3)

Outra docente, diferente das outras, apontou como dificuldade maior a falta do livro ou o esquecimento do mesmo por parte dos discentes, vejamos:

“[...] a uma falta do livro ou então esquecimento do aluno do livro em casa (...) é um fator negativo.” (Professora 2)

A partir das falas das professoras, podemos perceber que se todos os alunos tivessem e levassem o LD para a aula e que o mesmo fosse relacionado à realidade vivenciada pelos discentes, tornaria o processo de ensino da leitura mais fácil. A Professora 1 ainda complementa com uma informação relevante, o auxílio da coordenação às docentes quando os conteúdos trabalhados não suprem as necessidades ou extrapolam o nível das crianças. A mesma também afirma que utiliza outros meios didáticos, como atividades práticas ou impressas adequando o conteúdo e preenchendo as lacunas deixadas pelo LD, como afirmam Sá e Ferreira (2015), possibilitando que todos os alunos sejam contemplados pela prática pedagógica da docente. É interessante salientar que garantir que a turma aproprie-se de um conteúdo também foi apontando como uma das dificuldades por uma professora:

“É trabalhar de forma global com a turma... por que metade da turma acompanha... consegue fazer as atividades com autonomia, já a outra metade é um processo bem lento, então eu sempre tenho que estar pensando como é que eu vou explorar aquele texto. (...) Então, assim, aos poucos eu tenho que ir vendo que questões eu vou trabalhar, se vou trabalhar todas as questões que o livro oferece, com um lado da turma ou se não... sempre tem que está vendo.” (Professora 4)

Felix afirma que a “heterogeneidade de nível de conhecimento é preponderante em qualquer sala de aula, tendo em vista que cada estudante possui o seu próprio tempo de aprendizagem.” (2017, p. 20). Por isso trabalhar de forma global, como citou a professora, talvez seja uma dificuldade enfrentada por todos os docentes.

Evidenciamos a importância da mesma ter citado que uma parte da turma acompanha o conteúdo e outra não, indicando que talvez o LD esteja mais adequado para algumas crianças do que outras, como também possibilitando-nos conhecer mais um pouco sobre o que de fato ocorre dentro da sala de aula.

A mesma professora tem um histórico, a partir do seu discurso durante a entrevista, de buscar identificar o nível da turma e adequar-se a ela, aspecto que também está presente neste último relato, quando a mesma se questiona qual estratégia didática irá utilizar e analisa quais questões presentes no LD serão trabalhadas com a turma. Como discutimos, partir das autoras Sá e Ferreira (2015), no tópico 3.

Em síntese, é evidente que embora o LD não esteja completamente adequado para a realidade na qual os discentes estão inseridos, apresentada por grande parte das docentes como uma das principais dificuldades, as mesmas ainda utilizam esse material com bastante frequência durante o processo de apropriação da leitura, já que este funciona como base para seu planejamento didático e possibilita o trabalho com diversos textos a partir de variadas modalidades de leitura. Pode-se concluir também, que através de uma adequação e auxílio de subsídios que complementem o conteúdo do LD, este se torna um instrumento pedagógico que ao ser trabalhado em sala de aula pode trazer resultados satisfatórios.

6 Considerações finais

O desenvolvimento do presente estudo nos possibilitou conhecer e analisar a utilização do livro didático na formação leitora dos alunos – visto que essa prática é tão importante na atualidade –, como também suas contribuições e dificuldades, a partir das concepções das professoras sujeitos dessa pesquisa.

Como pudemos perceber, o livro didático é ainda um material muito utilizado durante o processo de ensino e aprendizagem, já que está presente quase que diariamente no fazer pedagógico das professoras. As mesmas apontam este instrumento como um auxiliador durante o planejamento de suas aulas e que possibilitam o trabalho com diversas modalidades de leitura, tornando a aula mais dinâmica e estimulando os alunos a participarem de debates.

E, apesar de muitas vezes não ser apropriado para a realidade enfrentada pelos sujeitos que compõem a turma, ele ainda pode ser usado através de uma adequação dos conteúdos, como também com o auxílio de outros materiais didáticos.

Destacamos também a importância de trabalhar com diferentes gêneros textuais durante a formação leitora, especialmente àqueles que circulam socialmente. Pois, além de estimular o interesse das crianças tornando as aulas mais envolventes, ao saber as principais características dos textos que têm contato no cotidiano, os discentes estarão mais preparados para lidar com as diversas situações que envolvem leitura. Entretanto, não foi citado por nenhuma das professoras alguma ideia que se relacionasse com essa prática.

Ademais, salientamos a relevância das estratégias de leitura, como ativar conhecimentos prévios ou antecipar sentidos, no decorrer dessa prática, já que dessa forma, os alunos irão além do que apenas decodificar códigos, mas construirão seus próprios significados, conseqüentemente, compreendendo a mensagem que o autor quis passar ao elaborar o texto.

Diante do que foi exposto, entendemos o quão significativo pode ser o trabalho com o livro didático durante a formação leitora dos alunos. Entretanto, recomendamos que este não seja o único material utilizado na prática docente, é necessário que outros instrumentos didáticos complementem seu conteúdo, aumentando, assim, as chances de formarem sujeitos mais preparados para o convívio social que exigem a utilização de capacidades como a leitura.

7 Referências

BRANDÃO, A. C. P. O ensino da compreensão e a formação do leitor: explorando as estratégias de leitura. In: SOUZA, I. V.; BARBOSA, M. L. F. (Orgs.). **Práticas de leitura no ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 59-75, 2006.

CAFIERO, D. Letramento e leitura: formando leitores críticos. In: RANGEL, E. O.; ROJO, R. H. R. (Orgs.) **Coleção Explorando o Ensino**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, v.19, p. 85-106, 2010. Disponível em: http://educacaointegral.mec.gov.br/images/pdf/biblioteca/2011_lingua_portuguesa_capa.pdf. Acesso em: 30 maio 2019.

COUTINHO, M. L. Práticas de Leitura na Alfabetização de Crianças: o que dizem os livros didáticos? O que fazem os professores?. **28º Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, Caxambu – MG, 2005. Disponível em: <http://28reuniao.anped.org.br/textos/gt10/gt101090int.doc>. Acesso em: 14 jun. 2019.

FELIX, K. M. F. **A Heterogeneidade de Nível de Conhecimento em relação à apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) e as estratégias didáticas de uma professora do** *Revista Educação e (Trans)formação, Garanhuns, v. 05, n. 01, jan. 2020 / jun. 2020* Universidade Federal do Agreste de Pernambuco - UFAPE
<http://www.journals.ufrpe.br/index.php/educacaoetransformacao/index>

segundo ano do ciclo de alfabetização. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns, Garanhuns, 2017.

MARTINS, M. H. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

MINAYO, C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 28. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2009.

SÁ, P.R; FERREIRA, L.G. **Livro didático de língua portuguesa: contribuições e implicações em sala de aula nas séries iniciais.** Passo Fundo: Espaço Pedagógico, v.22, n.1, p.136-154, 2015. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/5195/136-154>. Acesso em: 21 jun. 2019.

SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos.** 1. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos.** São Paulo: Revista Pátio, p. 96-100, 2004. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2019.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

TAGLIANE, D. C. **O livro didático como instrumento mediador no processo de ensino e aprendizagem de língua portuguesa: a produção de textos.** Belo Horizonte: Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 11, n. 1, p. 135-148, 2011. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/2275>. Acesso em: 10 jun. 2019.